

FREUD AINDA EXPLICA?

| BARBOSA COUTINHO¹

RESUMO

Autor sinaliza a preocupação com o empobrecimento do discurso psicanalítico e o atribui a dois enganos. Um deles, chamado retorno à clínica e o outro, consequência deste, anti-intelectualismo, uma espécie de combate ao analista que trabalha usando o conhecimento dos fundamentos teóricos da psicanálise.

Palavras-chave: discurso psicanalítico atual, conceitos fundamentais em psicanálise, retorno à clínica, anti-intelectualismo em psicanálise, soberania na clínica, interpretação psicanalítica da cultura.

ABSTRACT

The author indicates his concern with the impoverishment of the psychoanalytic speech and attributes it to two mistakes. One of them is the so-called return to the clinic and the other, because of such return, an anti-intellectualism, a kind of combat to the analyst who works using the knowledge of the theoretical foundations of psychoanalysis.

Keywords: current psychoanalytic concepts, fundamental concepts of psychoanalysis, return to the clinic, anti-intellectualism in psychoanalysis, sovereignty of the clinic, psychoanalytical interpretation of culture.

¹ Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE) e da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR)

A psicanálise vem perdendo seu discurso tanto para se defender dos ataques que sofre desde os tempos de Freud quanto para uma interpretação razoável da cultura. As responsabilidades sobre isso devem ser encontradas em posições equivocadas de certos grupos de psicanalistas alinhados com um ideário teórico pretensamente contemporâneo e renovador.

Nessa linha, que parece um desvio ameaçador para o futuro da psicanálise, atribuo importância central ao afrouxamento do conhecimento de seus conceitos fundamentais, seus pilares teóricos, como o inconsciente, a sexualidade, o recalque, a resistência. “Quem não os aceita, não deve incluir-se entre os psicanalistas”, disse Freud. Destaco também as ilusões, os equívocos de uma posição anti-intelectual no ambiente da psicanálise. Reputo ser o retorno à clínica e o anti-intelectualismo, os responsáveis pelo empobrecimento do discurso psicanalítico.

Curiosamente isso ocorre exatamente no período em que os psicanalistas, estimulados pela IPA, ocupam espaços nas universidades e no debate científico e cultural onde antes não costumavam atuar. Estaríamos vivendo uma nova crise na psicanálise como vivida tantas outras vezes e que motivou, só para lembrar uma delas, o retorno a Freud da proposta lacaniana?

Para muitos, nos anos cinquenta, Lacan, um dos grandes intérpretes do freudismo, “teria salvo” a psicanálise ao se opor aos pós-freudianos da psicologia do ego, que ele chamava “psicanálise americana”, e ao estabelecer para a obra freudiana uma estrutura filosófica afastando-a do ancoramento biológico. Exagero à parte, revalorizando o inconsciente e o Id em detrimento do Ego e com seu conhecido retorno a Freud que significava um retorno aos textos freudianos, Lacan se torna um dos grandes intérpretes da história do freudismo.

Baseado mais em Laplanche do que em Lacan, adoto como verdadeira a crítica aos psicanalistas dissidentes e continuadores especialmente da chamada psicanálise anglo-saxã, que propõe, como princípio, um discurso anti-intelectual e um método de trabalhar a clínica, dando-lhe uma soberania absoluta.

Esvaziaram o estudo dos textos clássicos e estabeleceram, como regra, o combate “à maneira intelectual” do analista durante o tratamento. A análise deveria

acontecer sem compreensão alguma, alegam alguns. O tratamento não pode contar com argumentos lógicos, isto seria racionalização do processo, dizem outros.

Não posso imaginar como desvantajosa, uma ação terapêutica psicanalítica, que dialogue com seus escritos e faça deles um guia, uma orientação. Na minha experiência, a alegação de que o analista “intelectual” promove resistências e estabelece reassuramentos narcísicos jamais se comprovou, assim como também jamais encontrei pacientes com defesas consolidadas por conta disso.

O anti-intelectualismo proposto produz uma clínica escassa de compreensão e fundamentos, uma narrativa linear, sem os elementos sistêmicos, estruturais, paradigmas dos conhecidos casos clínicos de Freud. Para Laplanche, a exclusividade da clínica tem se tornado um álibi contra o pensamento, e arma de guerra contra toda a reflexão. Segundo ele, sob o nome de retorno à clínica, o que se tenta impor é um terrorismo de conceitos retirados do senso comum ou banalizados por ele.

O conceito de interação, de largo uso na psicanálise anglo-saxã, passou a ser a fórmula mágica da antiteoria e uma espécie de tapa buraco. A ilusão do pensamento clínico como pensamento pragmático esquece que o pragmatismo tem como critério o êxito do pensamento e não a frágil obtenção de um efeito material imediato.

O paciente em análise é um teórico por excelência; ele está sempre formulando opiniões, sobre si, sobre os outros, e até mesmo sobre a própria psicanálise. Porque o analista não deveria ser?

Em nota do editor inglês ao artigo de Freud sobre “Análise terminável e interminável” vamos encontrar impressões de pessimismo de Freud quanto à eficácia terapêutica da psicanálise, o que não é novidade, nem, tampouco, verdade. Nem mesmo sua declaração, “[...] todos sabem que nunca fui um terapeuta entusiasta” deve ser lida como uma declaração de dúvidas. Freud sempre esteve bem ciente das dificuldades do processo terapêutico. Ele conhecia a força constitucional dos instintos, a fragilidade do ego, o rigor das resistências, a ferocidade do recalque.

Seria um desatino buscar apoio em Freud para desqualificar o papel terapêutico da psicanálise, mas a clínica nunca foi o seu único interesse. Sua atenção para a importância não terapêutica da psicanálise especialmente no último período de sua vida, resultou nos mais notáveis textos freudianos para uma interpretação da cultura.

Se o psicanalista pretende interpretar a cultura, deve ter o domínio pleno dos conceitos da psicanálise. Não pode querer se alimentar apenas de sua boa experiência clínica e não deve ser “contaminado” pela beleza da obra de arte. Apenas em “Moisés de Michelangelo”, Freud fornece uma apreciação pessoal chegando ao deslumbramento com a arte de Michelangelo. A psicanálise é o objeto em todas suas investidas na cultura. Em “Leonardo”, destaca com clareza que ali estará em apreciação o homem e sua memória da infância, e não a arte do grande pintor renascentista.

O discurso anti-intelectual está em desacordo, em contradição, com a proposta de uma psicanálise extramuros. É certo que, a simples aplicação dos conceitos na obra de arte não garante efetivamente que se esteja fazendo uma interpretação psicanalítica. A obra de arte não é um sintoma, não deve ser encarada como uma neurose. A interpretação psicanalítica da obra de arte deve ser considerada como uma analogia da interpretação dos sonhos e das neuroses. Em “Moisés de Michelangelo”, é nítido como Freud adota, com grande semelhança, o método de tratamento de suas histéricas que fizeram a história da psicanálise, ao dissecar camada por camada os gestos de Moisés, da maneira como fazia em suas terapias.

Vivemos tempos em que os psicanalistas não enfrentam as questões pertinentes ao seu campo de trabalho. Recentemente, no jornal *Folha de São Paulo* (18/06/2016), o neurocientista Ivan Izquierdo declarou que estudos da neurociência superaram a psicanálise. Segundo ele, é inadmissível falar em inconsciente. Onde ele fica? Questionou.

Fez-se silêncio. Cadê os psicanalistas para respondê-lo?

A resposta veio do filósofo Vladimir Safatle (*Folha de São Paulo*, 15/07/2016),

que lembrou que o inconsciente não é localizável da mesma maneira que a mielinização dos axônios no sistema nervoso central. Para ele, a exigência de imagens e localizações do inconsciente não é novidade e significa um retorno ao materialismo do século XVIII.

O festejado documentário brasileiro *O começo da vida* não recebeu uma só crítica, mesmo de psicanalistas que trabalham com crianças. Pode-se falar em desenvolvimento de criança sem considerar o papel da sexualidade infantil, descoberta original de Freud?

O desejo amoroso inconsciente da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade ao genitor do mesmo sexo não é fonte de comportamento neurótico da criança? Como não incluir o Édipo e suas amplas consequências no desenvolvimento da criança? Causa estranheza, não só o silêncio, mas o encantamento com uma versão unicamente cognitiva, comportamental.

Freud ainda explica? Eis a questão.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1970). *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1974). *O Moisés de Michelangelo*. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1975). *Análise terminável e interminável*. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para psicanálise*. Martins Fontes.